

Resenha do livro

***O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império,***  
de Fraya Frehse (São Paulo, Edusp, 2005).

---

Iris Morais Araújo\*

Debruçar-se sobre uma estranha modernidade; ou ainda, estranhar a modernidade gestada na cidade de São Paulo da segunda metade do XIX. Esses podem ser os motes de Fraya Frehse em *O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império*, livro que é resultado de revisão e acréscimos de sua dissertação de mestrado, defendida em 1999 junto ao Departamento de Antropologia da USP, sob orientação de Lilia Moritz Schwarcz.

Nessa empreitada, a antropóloga parte do processo de modernização que toma corpo na então capital provincial, especialmente a partir da década de 1870. Sob essa tônica, vem a transformação dos tempos e espaços da cidade em prol de uma racionalização e de um controle que assinalariam a entrada de São Paulo como palco das grandes operações financeiras do capital internacional, geradas pelo surto cafeeiro do Oeste Paulista. Esse é o tempo marcado pela chegada – com pompa e circunstância – do trem que escoo o ouro verde, ligando o Planalto a Santos, e também do bonde a tração animal, da iluminação pública a gás, de água encanada e de esgoto nas casas. Porém, muito longe de corroborar a idéia de que assim chegou o progresso que conquistaria seus moradores em seus modos de pensar e viver, Fraya Frehse desenha um quadro mais complexo, já que esses novos tempos eram percebidos de modo muito peculiar.

O esforço da antropóloga para apreender esta forma específica de apropriação do novo se dá de um ponto de vista que busca compreender como os habitantes pensaram e reagiram em relação às citadas transformações urbanas. As fontes pesquisadas – artigos dos jornais *Correio Paulistano*, *Diário de São Paulo* e *Província de São Paulo*, atas municipais e relatórios de Presidentes da Província,

---

\*Mestranda em Antropologia Social - FFLCH - USP. Bolsista da FAPESP.

caricaturas do semanário *Cabrião*, fotografias de Militão Augusto de Azevedo ou memórias de Junius, um ex-aluno da Academia de Direito e plantas da cidade, confeccionadas para distintos fins – são analisadas detidamente de modo a revelar como este novo processo toma curso e marca o dia-a-dia da cidade. Fraya Frehse persegue comentários de uma opinião pública nascente que fala, sobretudo, desses processos que ocorrem na rua, um *locus* especialmente importante dessas transformações. A pesquisadora, então, repensa esta modernidade através do modo com que se fotografou uma rua ou se contou uma piada na caricatura, e também relata a briga da passageira com o condutor de bonde, a reclamação dos moradores sobre a rua esburacada pelos novos serviços urbanos ou, ainda, o absurdo do “distinto” morador se ver ao lado de moleques quando da inauguração da mais nova reforma do Jardim Público da cidade.

Menos do que acumular exemplos, o que importa é ressaltar que, por trás do choro, da ironia ou da indignação dos habitantes de São Paulo, aparecem reações a esse tipo de transformação, e que certamente a altera. A autora alinha todas estas histórias apontando como o espaço da rua é caracterizado pelas hierarquias que são marca das relações sociais forjadas no domínio escravista, e que continuam a ser a tônica no surgimento desses novos serviços urbanos. Em todas elas, é a marca da relação senhorial que se faz presente, tanto no trato com os funcionários das companhias quanto em relação ao próprio modo com que elas deveriam funcionar. É mais, que a rua não é entendida como um espaço onde todos circulam, mas como um lugar de exclusividade e, desta maneira, de reposição de hierarquias.

Mas Fraya Frehse complexifica esse quadro, pois não são apenas as antigas relações que marcam a rua. Esta só pode ser entendida se há a compreensão, nesse momento, da maneira com que os paulistanos opinavam sobre os usos desse espaço, que eram muito anteriores às referidas transformações. Por exemplo, a criação de animais ou o comércio ambulante de gêneros, atividades absolutamente enraizadas nessa cidade até então predominantemente rural, eram alvo de opiniões bastante críticas, já que elas não condiziam com o novo padrão de moralidade e civilidade condizente com os “novos tempos”.

Essa é a grande originalidade desse trabalho: o novo não chegou a uma São Paulo vazia de história; ao contrário, é compreendido à luz da sociabilidade pré-existente, cuja singularidade é especialmente o trabalho escravo. Do mesmo modo, o velho também passou a ser visto por outros ângulos, pois a civilização e o progresso também eram bem-vindos. É desse jeito que a autora se permite questionar o par dicotômico “tradicional” e “moderno” - tão característico de trabalhos que buscam compreender o período-foco da análise, e que foram alvo de minuciosa revisão por parte da autora - que aponta para os processos históricos de modo um tanto etápista, apostando em uma explicação que busca um “antes” e um “depois”. Para essa literatura, é como se tudo mudasse na sociabilidade paulistana (e brasileira) a partir desse momento que a autora busca analisar,

especialmente pela cultura cafeeira, pela crise do sistema escravista ou ainda pela iminente transformação de regime político.

Embaralhar dicotomias é, assim, o grande trunfo de *O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império*. E esse resultado parece ganhar mais força quando se percebe que ele foi construído a partir do diálogo com toda uma literatura que tem em comum buscar uma reflexão sobre as especificidades brasileiras no que diz respeito aos processos de expansão do capitalismo a partir do século XIX. Toma relevo, desta maneira, alguns debates de diferentes cenas intelectuais, mas cuja atualidade a autora trata de mostrar em seu livro. Assim, Fraya Frehse recupera os anos 1930 e a análise das cidades empreendidas por um Sérgio Buarque de Holanda de *Raízes do Brasil* e um Gilberto Freyre de *Sobrados e Mucambos*, bem como o meio do século XX e as considerações de aspectos sócio-econômicos e culturais de São Paulo por um Florestan Fernandes, co-autor de *Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo*.

É assim que, de algum modo, Fraya Frehse retoma em seu trabalho toda uma tradição do chamado pensamento brasileiro que discute a modernização nesse país, compreendida em sua especificidade. É um exercício de percepção dos dilemas e das singularidades do modo com que se dá um lugar à mudança, à transformação nessa São Paulo, nesse fim de Império.

---